



Em seguimento existiam dois sobrados grandes, também ocupados pelo edifício Manoel Pinto da Silva. Em um funcionava um grupo escolar. Depois foi uma pensão, onde morava, quando estudante, o Dr. Flávio de Brito Pontes. No outro, a primeira Casa de Saúde do Dr. Pereira de Barros, mais tarde transferida para a casa da esquina da Benjamin Constant, como se verá a seguir. Morou, depois, o cônsul de Portugal, com os seus quatro filhos, um dos quais foi gerente da Panair do Brasil, outro passou a residir no Amapá. Em um terreno baldio, logo a seguir dos sobrados, o engenheiro Félix Guimarães, o mesmo que construiu o prédio dos Correios e Telégrafos, edificou um palacete para a sua residência. Viajando para o Rio de Janeiro, alugou o bangalô ao seu cunhado, o colega Alcir de Morisson Faria, que mais tarde comprou o imóvel, onde mora até hoje, com sua mulher, a médica e colega de turma Guiomar Aragão Morisson Faria. Em outro terreno vago, o senhor Elias Pacha edificou o palacete que lá está. No local, muitos anos passados, existia um cemitério, restando a lápide de uma sepultura, no quintal. A seguir vinha a garagem Central, talvez a mais antiga de Belém, que desde a década dos anos dez já guardava os carros Napier, vindos da França, que faziam a praça de Belém. Conta o Álvaro Coelho de Sousa, que morando às proximidades, admirava-se do vigia, o Sr. Manoel, que ficava sentado em um caixote, sem dormir, das seis da tarde às seis da manhã. Ficaram amigos e era o Manoel quem fazia os seus papagaios, ajudando o tempo a passar. A seguir vinham dois sobrados, ocupados por diversas famílias, inclusive a do Lamartine Nogueira. Em um deles, salvo engano, funcionou um pequeno hotel. Ainda estão de pé. Em uma casa baixa, contígua, morava o Olegário de Paiva, o "chefe Paiva", guarda-livros, homem honrado, Oficial Maior da Santa Casa. Tinha quatro filhos, um oficial do Exército, morreu, subitamente, de enfarte do miocárdio, ao tomar um avião para o Rio de Janeiro. Foi diretor do Incra. Em continuação vinha a casa de D. Mieta Faciola, como era conhecida mas que tinha o nome de rainha: Maria Josefina, casada com o Gonçalo Cutrim, maranhense, funcionário do Banco do Pará e mais o Ernani Teixeira, comerciante, e sua mulher Leonor, também Faciola. Junto, o Ernani construiu um bangalô para morar, mas sempre o alugou. Depois uma construção inacabada da família Miranda, hoje transformada em estacionamento de veículos. Logo a seguir o casarão onde residia a senhora Catarina Miranda e os filhos, três rapazes, um engenheiro, um médico e outro advogado, duas moças, uma a Heliana, que foi miss Pará. Antes essa casa havia sido ocupada por Simão Benjô. No prédio a seguir, com fachada semelhante ao da esquina, morava a senhora Marocas Chermont, mãe da senhora Carmen Chermont Ribas de Faria, esta muito ligada às obras sociais, como a Legião Brasileira de Assistência e a Creche Santa Terezinha. A do canto com a Dr. Moraes, de Assistência e a Creche Santa Terezinha. casa onde morou por um belo palacete construído por Bento Silva Santos, casa onde morou por muitos anos o Comendador Antônio Faciola e depois o seu filho Oscar, presidente do Banco do Pará. Silva Santos foi o construtor do Grande Hotel. Morreu no palacete da Nazaré — creio que de maneira violenta —, antes

99

mesmo de inaugurar o suntuoso hotel. Era o pai da professora Enid Silva Santos, mestra de inglês no ginásio e que, octogenária, ainda vive no Rio de Janeiro. É o Álvaro ainda quem recorda o "luxo asiático do recheio, onde vi, pela primeira vez, uma vitrola Victor" e mais a "tia Sansa, que apanhava mangas da janela, mangas-rosa, com vara e paneiro", no que ajudava.

Passando a Rua Dr. Moraes, na esquina, a "Casa Feio e Forte", de propriedade de Manoel Oliveira, irmão do Oliveira da Casa Outeiro. Uma garrafa de vinho Granjô, nessa época, custava doze mil réis. Muitos anos depois foi demolida e Augusto Seixas mandou construir pequeno edifício de três andares pelo engenheiro Ruy Meira. Junto ficava pequena casa, duas janelas e uma porta, ocupada pela família Grace, alemão que ensinava Jiu-Jitsu, inclusive para os filhos. Mais tarde, no Rio, montou uma academia que se tornou famosa, a Academia Grace. Depois morou o professor Zito Coutinho de Oliveira. Na de junto D. Dica Valente — cunhada do Romeu Mariz — e, por último, o Fernandez, irmão do colega Atahualpa, família que ainda hoje ocupa a casa. Em um terreno vago, Dário Azevedo, médico oftalmologista, construiu a sua residência, ainda hoje com a sua placa de médico na porta. Seguiu um casarão de três pavimentos. Nele funcionou o Instituto "Amazonas", do professor Marcos Nunes, bom matemático. Foi doado à viúva de Cipriano Santos, pelo Partido Republicano, depois de sua morte. Foi sede, durante muito tempo, de uma repartição do Exército, talvez a Circunscrição de Recrutamento. Passando à Providência Social, foi demolido, em seu lugar levantado um posto médico para crianças. Junto havia uma pequena casa de taipa. No terreno, o senhor Adriano Martins construiu um sobrado para morar e que permanece inalterado. Era pai de Emílio Martins, Conselheiro do Tribunal de Contas, e de duas filhas, a Helena, já falecida, e a Maria do Rosário, minhas colaboradoras eficientes na Legião Brasileira de Assistência. Vem a seguir a mansão que tinha a numeração antiga de 50, edificada pelo engenheiro Palma Muniz, comprada, em 1913, por Ulisses Coelho de Sousa, e sua mulher Maria Amélia, conhecida por Mucidó, a valorosa bragantina, os pais do Álvaro, do senhor Brito Pereira, ao preço de cinquenta contos de réis, prêmio de uma apólice de seguro de vida. Uma bela e espaçosa casa, no centro de um terreno, alta, porão habitável. Conta o Álvaro que o primeiro caso de gripe espanhola ocorrido em Belém no ano de 1917 foi em sua irmã Maria de Belém, mais conhecida por Cotinha, casada com o Navarro da casa Quintão, causando grande embaraço aos médicos para que chegassem a um diagnóstico. O velho Ulisses, prudente, transferiu todos os sadios para o porão. Moravam na casa 17 pessoas, sete foram contaminadas, mas as sete do porão nada tiveram. Todos sararam e ninguém morreu. Na casa adiante, já demolida, moraram várias famílias: Reinaldo Miranda, com muitos filhos, depois um senhor Guimarães, também com uma filharada e